

CIRCUITOS DA FOLIA: TERRITORIALIDADE, HISTÓRIA E CULTURA CARNAVALESCA NAS RUAS DO RECIFE (1920-1940)

Mário Ribeiro dos Santos*

Resumo: Diante de um cenário marcado pelo ideário da modernidade, no qual um conjunto de medidas normatizantes estabelece um nível de sistemas de valores, que interferem no cotidiano da cidade, estruturando condutas individuais e coletivas, o presente trabalho tem por finalidade estudar os momentos de lazer coletivo, em especial o Carnaval de Rua do Recife, buscando apresentá-lo como uma manifestação do espaço vivido, dotada de uma ética própria, com domínio espacial institucionalizado e sujeitos condicionados a uma realidade inventada. Para tal, utilizaremos como fontes as posturas municipais, os discursos existentes nos processos policiais, jornais e revistas que circulavam na cidade no período em questão.

Palavras-chave: carnaval de rua, cotidiano, espaço urbano e ética.

Abstract: Faced with a scenario marked by the ideology of modernity, in which a set of measures normatizing provides a level of value systems, that interfere with daily life of the city, structuring individual and collective behaviors, this work is to study the collective moments of leisure, especially the Carnival of the Recife, seeking to present it as a manifestation of living space, with an ethic itself, with the space institutionalized and subject to a conditional invented reality. For this, use the postures as municipal sources, the discourses that exist in police files, newspapers and magazines that circulated in the city during the period in question.

Keywords: carnival, street, daily life, urban space and ethics.

Iniciamos este artigo com um questionamento que norteará todo o seu andamento: podemos conhecer, através do estudo de uma celebração, a História de uma cidade?

Se partirmos do pressuposto de que o Carnaval é uma festa que se relaciona com o espaço vivido, que constitui uma manifestação do cotidiano, cuja ação coletiva se dá num tempo e lugar definidos e especiais, a resposta para tal pergunta é positiva. Pensando desta forma, saímos do senso comum defendido por algumas produções acadêmicas sobre o Carnaval, que fazem análises exclusivamente circunscritas às emoções que a comemoração desperta nos participantes; como única via para se chegar a uma explicação dos comportamentos sociais. Neste trabalho, o Carnaval será visto como uma malha que “resulta

* Mestrando em História Social da Cultura Regional pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Bolsista FACEPE, integrante do Grupo de Estudos sobre Ensino e Saberes Históricos, lotado no Departamento de Letras e Ciências Humanas da UFRPE / CNPq e pesquisador da Fundação de Cultura Cidade do Recife. E-mail: marioisan@yahoo.com.br

das relações sociais urdidas no cotidiano, criadas no exercício diário da convivência e no partilhar de experiências comuns na família, na vizinhança, no trabalho, no lazer, na vida religiosa, social e política.” (ARAÚJO, 1996: 360).

Esse tipo de abordagem, que nos permite olhar para a festa integrada ao cotidiano de uma cidade, envolvendo a sua coletividade num processo de produção e consumo de bens materiais e imateriais, reflete o movimento sistemático de releitura de temas e de objetos que a historiografia vem passando nos últimos tempos como consequência da crise dos paradigmas de sua escrita. Este novo momento da disciplina nos instiga a ler os textos com menos ingenuidade e com o cuidado de “não tomar os discursos como documentos de uma verdade, mas como monumentos de uma construção.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2001: 24). Nesse sentido, a gama de assuntos que compõem o espectro das chamadas “ciências humanas”, passaram a ser questionados, desconstruídos, relativizados e refutados. O interesse pelos estudos da festa, do espaço festivo e da festividade que toma conta da vida das pessoas se enquadra nesse momento da revisão historiográfica.

Uma vez estabelecido o lugar de onde faremos as nossas análises, tornou-se mais fácil perceber a teia de relações sociais que cerca o fenômeno estudado, impedindo que elaborássemos um trabalho meramente descritivo, sem nos preocuparmos com as várias funcionalidades da festa. Procuramos dessa maneira, escrever uma narrativa diferente, que percorresse cantos da cidade não muito visitados pela luz da academia; que privilegiasse os saberes e fazeres dos atores que nela atuam; as lógicas que lhe são próprias e os dinamismos desenvolvidos em relação à sua apropriação e vivência. Dito isto, não constitui tarefa fácil a análise da documentação reunida sobre as ações dos foliões que vivenciaram o Recife do início do século XX, em toda a sua variedade e complexidade. Essa dificuldade é resultado não só da multiplicidade de vestígios, mas, sobretudo, do fato de configurarem modos de vida que não podem ser reduzidos a esquemas simplificados, como são os que derivam de um relativo olhar passivo pouco questionante.

Não perder de vista essa dimensão do conhecimento histórico é fundamental para a manutenção do compromisso ético do historiador, na medida em que as nossas responsabilidades estão diretamente ligadas à função social que se atribui à disciplina, função esta que atua como agente de transformação, “produzindo discursos que desenvolvem um saber útil, com valor moral, que dá lições, na medida em que ensina a dúvida metódica, a aprendizagem de uma crítica da informação.” (DUBY, 1989:158)

Acorda Recife, Acorda! Levanta o Carnaval Começou!

Durante o reinado de Momo, o Recife assume outras faces, ou melhor, maquia-se. A cidade é tomada por uma nova morfologia, novas funções, que caracterizam a complexidade do fenômeno em sua estruturação e dinâmica. Uma trama que envolve e altera todo o cotidiano da urbe. Novos cenários são criados; a imprensa e o comércio exercem o papel de promotores da festa; nas rádios, as marchinhas dominam o repertório do dia; nas vias públicas, discussões e buzinas são reflexos de negociações, normas e proibições ainda não assimiladas pela maioria dos motoristas e usuários dos bondes da Pernambuco Trawmays.¹ Parece que uma rede transparente confeccionada de serpentinas justapostas é costurada sobre a territorialidade da festa, resultando numa produção (mudança) não apenas material, mas também simbólica.

Nesse lugar pessoalizado, de encontros e desencontros, os recifenses se mostram e se exibem de diferentes formas; revelam em cada ação um produto da atividade coletiva, com sua lógica e suas estratégias próprias. No período que antecede o Carnaval, por exemplo, o espaço social urbano parece envolver-se em uma dinamicidade diferente das outras épocas do ano. O efêmero e o constante dialogam cotidianamente, e em poucos minutos a paisagem das ruas “autorizadas” a participar da folia, ganha uma nova configuração.

Numa das passagens de *Seu Candinho da Farmácia*, o escritor pernambucano Mário Sette presenteia o leitor com a descrição de uma “onda” de foliões que seguindo os acordes da orquestra do clube Vassourinhas, invade as artérias do Bairro de São José, dias antes do Carnaval:

O frevo! Um imperativo de loucura, um contágio de desatinos, uma coceira de alegria. [...] todas as imediações do bairro atravessado pelo buliçoso cordão carnavalesco vibravam ao zumbido fortíssimo do contentamento. Nas ruas mais afastadas o povo parava, ouvia os acordes ásperos da orquestra, orientava-se e disparava de novo, entreavistando-se: - vem pelo Pátio do Terço, minha gente! – vamos esperar ele na esquina da igreja. – eu vou atalhar no Livramento. [...] num momento, a Rua Direita, vesga e acanhada, enchera-se de ponta a ponta. Uma revista de caras humanas pelas estreitas calçadas, sobrando ainda pelas janelas, varandas e telhados. E toca ainda a esguichar gente das travessas e becos; o do Serigado golfava curiosos e foliões como uma máquina de fabricar pipocas. A coisa já fervia pelos lados do Terço de onde vinha o Vassourinhas com o peso do entusiasmo de admiradores e adesistas. (SETTE, 2005: 20)

A referência à obra de Sette objetiva mostrar como se dá o deslocamento dos moradores e transeuntes do centro pelo espaço animado por Vassourinhas, numa disputada

¹ A Pernambuco Trawmays é uma empresa americano-canadense, que monopoliza no Recife, os serviços de transporte urbano, gás encanado e luz elétrica, sobretudo nas primeiras décadas do século XX.

“luta” de passos, *ao som de um frevo bem quente*. Pessoas de todas as procedências se espremem para chegar cada vez mais perto do som, até confundir-se com a onda humana, tomada pelo desejo de vivenciar cada momento desta catarse.

homens limpando as bocas na manga do paletó, interrompendo o jantar; uma crioulinha dando beliscões de frade numa meninota para espertá-la no andar; uma mulher gorda com o filho pequeno no braço, guardando ainda o peito que o amamentava; raparigas de vida alegre, de caras muito pintadas, flor nos cabelos, gingados de ancas; cozinheiras esfregando as mãos engorduradas nas saias de chita; rapazes em mangas de camisa; senhorinhas em alvoroço; meninos em algazarra, rodando reco-reco; mulheres tirando chinelas para mais desembaraço dos movimentos; balofas negras sacudindo os flácidos seios; amas escanchando nos quartos os filhos alheios; sexagenários resmungando contra a pressa dos moços; boleiras carregando os tabuleiros; geladeiras abandonando as barracas, quitandas trancando as portas, lavadeiras de trouxas nas cabeças, cães domésticos e vadios ajuntando ao tumulto humano seu ladrido espantado ou festivo... Quem não soubesse do ensaio do Vassourinhas, imaginaria um pânico, um êxodo, uma nova revolução. (SETTE, 2005:58)

De acordo com esta última frase, identificamos como o agito toma conta das ruas no momento do ensaio de uma agremiação. O horário parece proposital. Coincide com a chegada dos trabalhadores em casa e o fechamento dos estabelecimentos comerciais, atraindo para o cortejo toda a massa humana. De boleiras, engomadeiras, engraxates, quitandeiros e lojistas passam, num instante frenético das orquestras, à categoria de exímios foliões.

Esse, talvez, seja o “lugar de configuração instantânea de posições”, apontado por Michel de Certeau, onde os moradores e trabalhadores do centro urbano assumem, dentro de minutos, à condição de artistas anônimos com total liberdade de criação e improviso. São os “lugares praticados”, formados, aqui, por cada rua onde *Vassourinhas* passa, transformando-se num espaço de cruzamento de móveis; de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram, isto é, as operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam. (CERTEAU, 2008: 201-202)

Essas operações fabricadas, idealizadas pelas diferentes ações humanas, encontram interesse vivo no Carnaval - espaço de vida e invenção cultural – onde os recifenses se mostram e se exibem de diversas formas; invadem lugares; criam necessidades; formas de consumo.

Passado os dias de preparação para a folia, no período oficial de Carnaval, o Recife acorda *ao som dos clarins de Momo*. Nas ruas, *a juventude dourada aclama com todo ardor, entre confetes e serpentinas, a alegria da embriaguez do frevo*, das batucadas, do mela-mela, dos mascarados, dos caboclinhos, das troças, dos clubes, dos blocos, do corso.

Viva o Zé Pereira! Estampam os jornais vendidos pelos gazeteiros nas ruas do Recife. Nas próximas setenta e duas horas, a cidade é tomada pelas notas estonteantes das orquestras de frevo, pelos requebros e manobras vigorosas dos passistas equilibristas. E o que dizer das fantasias, dos modelitos que circulam pelas ruas em corpos sozinhos ou em grupos; claros ou coloridos; com muito ou pouco pano? Que dizer dos homens vestidos de mulher, de crianças, de animais? Diabos, almas, morcegos, dominós....Temas que falam do hoje e de outros tempos. Dos *Tempos ideais*, em que o recifense comia saborosos pastéis, deliciosa salada de frutas, tomava sorvete e uma, duas e até três taças do chopp da Brahma num dos pontos mais chic's da cidade – A *PHENIX*, na rua Duque de Caxias, 244 – Santo Antônio.(O Passo, abr. 1933)

Nesses espaços que contém um tempo, os lugares são dotados de carga simbólica que os diferencia e identifica. No Recife, nas primeiras horas do dia já se ouvem os acordes das orquestras de frevo. São as troças que fazem seus últimos ajustes antes da saída oficial. Na estreita do Rosário, o movimento é intenso, a Troça *Verdureiras de Santo Antônio* prepara-se para transformar as artérias da cidade em corredores animados e irreverentes, juntamente com a Troça *Carnavalesca Mixta Linguarudos de Santo Antônio*. O centro é o principal ponto de encontro das brincadeiras. De Campo Grande, vem *Pão da Manhã*; de Santo Amaro, *Traquinos de João de Barros*; de Casa Amarela, *Príncipe dos Ursos*; da Encruzilhada, *Todos Brincam da Rozeira*; do Arruda, *O Bagaço é meu*. *Coqueirinhos em Folia* vem da Estrada do Bongi, em Afogados. Multidões que se aglomeram e colorem ruas, pontes e praças em meio a empurrões, gritos, brigas... mete o cotovelo e abre o caminho...²

Nesse período, a trilogia éther, música e álcool parecem combinar. O sol intenso e o suor pedem *Pilsen 000 - a cerveja que domina o carnaval*. Gazozas, guaraná Fratelli Vita, doce gelado, raspa-raspa, batidas de limão, coco, maracujá, licor de jenipapo também embriagam os pierrots, piratas, ciganas, palhaços e diabos do Recife carnavalizado. (O Corta-Jaca, 1934)

E o barulho aumenta... Lá vêm os mascarados. Caretas grotescas, cores fortes, rostos cortados e olhos vazios. Nas ruas essas cabeças decepadas ganham vida e voz. *Não me conheces?* É a frase mais repetida entre eles. Os sons de buzinas e guizos acompanham os foliões por onde passam. Em casa que tem criança, o pavor se instala; longos momentos de

² As agremiações citadas resultam de pesquisas realizadas nos jornais *Diário de Pernambuco*, *Jornal Pequeno* (décadas de 1920, 1930 e 1940) e alguns periódicos publicados pelos grupos carnavalescos e distribuídos gratuitamente nos dias de carnaval, entre as décadas de 1930-1940. Entre estes últimos documentos podemos citar: *Jornal O Linguarudo da Troça Carnavalesca Mixta os Linguarudos de Santo Antônio*; *O Vasculhador*; *A Aranha*; *Olha a Curva*; *O Corta-Jaca*; *O Passo*; *A Folia*; entre outros.

espanto. Os rostos trágicos de papel com corpos e braços parecem que vão persegui-los. (A Folia. fev, 1933)

Nesse cenário de agitação transfigurado, a rua se torna a morada do real e do imaginário; nela, diferentes públicos transitam e ouvem, dançam e cantam as mesmas músicas, vêem as mesmas fantasias e agremiações, sentem os mesmos cheiros. Aos palhaços, morcegos, dominós e colombinas, somam-se outros moradores da urbe, não tão coloridos como aqueles, nem tão cheirosos como os lança-perfumes. Refiro-me as caravanas de mendigos, que em pleno progresso e embelezamento da cidade, percorrem as ruas no seu ingrato mister de implorar a caridade pública. Segundo o Coronel Lima Castro, Prefeito do Recife,

um bando de falsos mendigos: gente nova, homens e mulheres, aptos para o trabalho, mas que não se entregam pelo hábito da inércia e da vagabundagem. Devem ser reprimidos pela polícia e encaminhados para o campo; prestando assim, um relevante serviço à estética e à moral da cidade, limpando o Recife dessa triste manchete de miséria e vagabundagem. (Jornal Pequeno, jan. 1920: 01).

Essas idéias de “progresso” e “civilização” sintonizam os anseios da burguesia, obcecada pelos novos hábitos que transformam o modo de vida das principais capitais brasileiras no início do século XX. Vivemos momentos agudos de mudanças históricas e redefinição dos lugares sociais da população, novos hábitos e novas idéias são determinantes para a construção de um novo modelo comportamental dos brasileiros. Assistimos a uma grande transformação do espaço público, dos divertimentos populares, principalmente aqueles que atribuem uma nova configuração à cidade, apropriando-se simbolicamente e resignificando seus espaços, a exemplo do Carnaval. Segundo Nicolau Sevcenko, quatro princípios fundamentais regem o transcurso dessa metamorfose:

A condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento da cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão de grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense. (SEVCENKO, 2003:43)

Essa realidade atinge as principais cidades do país, sobretudo o Recife, nos anos 1930, quando no interior da nova ordem estabelecida no país, o presidente Getúlio Vargas nomeia para Pernambuco, o interventor Agamenon Magalhães; nome, que institui um novo período na história social e política de Pernambuco, caracterizado pelo controle do espaço pelo Estado.

Filho de família aristocrática, de formação católica (membro da Congregação Mariana), Agamenon Magalhães defende a idéia de uma relação intrínseca entre a Igreja e o Estado, cujo diálogo, instrumentalizado pela educação, reproduziria ideologias, que “orientavam” o comportamento da sociedade civil, esfacelando os núcleos de resistência à ideologia estadonovista. Essa manipulação do saber temporal e religioso encontra respaldo nos meios de comunicação, sobretudo a imprensa escrita, “eleita como um veículo de propaganda, doutrinação e persuasão da ideologia estatal, disseminando discursos de verdades, acionando signos que contribuíssem para a configuração de um consenso social.” (ALMEIDA, 2001:25).

No interior desta nova ordem, o Interventor estende seus domínios aos momentos de lazer e elabora “um plano político de organização das horas livres dos trabalhadores, evitando que eles freqüentem as tabernas e usem bebidas alcoólicas, procurando atraí-los para diversões sadias e festas de educação cívica.” (PANDOLFI, 1984: 50). Mas o que se entende por diversão sadia? Será que brincar o Carnaval na rua, seguindo aos pulos as troças e os clubes de frevo e mais adiante desviar o caminho para incorporar o cortejo solene dos batuques dos maracatus, era participar de uma diversão sadia, freqüentada por pessoas de família? A Folha da Manhã, por exemplo, diz que não. Ela dissemina a imagem do Carnaval de rua como um espaço da desordem e da violência, uma vez que associa as agremiações de rua a brigas e homicídios, marginaliza a diversidade das manifestações culturais, os foliões e os espaços da cidade freqüentados por essa parcela da população. Discursos criadores de estereótipos que levam à sociedade associar o frevo, o maracatu, o caboclinho e outras manifestações da cultura popular a práticas cotidianas perigosas, desordeiras, vinculadas à pancadaria, à embriaguez, ao baixo espiritismo, a grupos de indivíduos que não conhecem ou que ignoram as virtudes dos tempos modernos e do progresso.

Para a elite do Estado, faz-se necessário reorganizar o formato dessa festa de rua, caracterizada como uma manifestação de caráter provinciano, carente de mudanças compatíveis com o novo modelo de sociedade normatizada nos modelos religiosos e de ordem de Agamenon e do Estado Novo ditado por Getúlio Vargas. A historiadora Maria das Graças Ataíde, numa análise das práticas de lazer do período, destaca que aqueles segmentos sociais,

[...] consideravam o frevo e o maracatu como “arte inferior”, e que necessitava entrar no processo civilizador. O jazz foi eleito em detrimento do frevo, indicado como o ritmo adequado aos clubes sofisticados da cidade. O frevo, por sua vez, passou a ser considerado a alma mestiça do povo. Neste período, Carnaval de rua representava a “gentalha” endoidecida a brincar, tendo como contraponto uma elite que se trajava a rigor e dançava “civilizadamente”, sob um ritmo nobre e moderno, nos bailes de Carnaval no Clube Internacional do Recife, este tido como referência do Carnaval das elites da época. (ALMEIDA, 2001: 149-150)

O desfile nas ruas das agremiações carnavalescas assume também um novo formato. Sob pena de punição policial, os grupos devem evitar o derramamento de sangue em ocasiões de encontro. Como estratégia para a manutenção da ordem, um grupo de intelectuais, empresários e alguns comerciantes com interferência na vida político-social da cidade criam a Federação Carnavalesca de Pernambuco (FECAPE), no dia 3 de janeiro de 1935. A idéia da iniciativa é propagar uma série de discursos homogêneos, provocadores de efeitos de sentido na grande massa de carnavalescos, levando-os a filiarem-se à entidade. Entre as medidas estabelecidas, em estatuto, pela FECAPE, estão:

[...] procurar manter a harmonia entre os clubes filiados; distribuir auxílios eqüitativos, cada ano, aos clubes que tomarem parte do carnaval; desenvolver o turismo; dar prêmios aos clubes carnavalescos que de modo mais digno se apresentem (entendemos como mais dignos aqueles que se aproximassem mais do modelo dos clubes de alegorias e críticas, protagonizados pela elite recifense, com muita pompa); moldar o carnaval no sentido do tradicionalismo histórico, fazendo reviver costumes nossos, tipos da nossa história, fatos que nos educam; entre tantas outras cláusulas com medidas de caráter disciplinador. (Anuário do Carnaval Pernambucano, 1938)

Nesse contexto de orientações e controle, a FECAPE, em parceria com o Estado, apresenta um conjunto de modelos de fantasias “recomendado” para circular pelas ruas da cidade durante os dias de folia. Nos jornais e revistas de grande circulação, desenhos de fantasias com temáticas relacionadas aos produtos naturais da terra (caju, cana, café, algodão, banana, goiaba, tabaco etc, cuja exportação estava em baixa) e personagens patrióticos da História do Recife, reforçam o caráter pedagógico da festa e o propósito de “transmitir bons costumes”, principalmente para “os blocos de gente humilde” que invadem as ruas nesse período do ano.

Esse controle se estende também para a organização espacial da festa. Os livros de petição da Secretaria de Segurança Pública revelam entre os anos 1920-1930, mais de vinte solicitações para montagem de barracas de prendas e artigos carnavalescos nas praças e outras localidades de grande circulação de foliões. Para as agremiações que encontram nas ruas o lugar de diversão, a Secretaria de Segurança Pública declara oficialmente, na imprensa, medidas disciplinadoras da festa, tais como:

[...]a) qualquer conjunto carnavalesco não licenciado pela polícia se exhibir; b) o emprego de líquidos ou pós; c) o uso do símbolo da Cruz Vermelha ou de qualquer instituição pública e da bandeira nacional de qualquer país; d) a execução do hino nacional de qualquer país; e) o ultraje a qualquer crença religiosa e seus símbolos; f) a canção ofensiva ou mesmo alusiva às autoridades e às corporações militares e religiosas; g) o encontro de quaisquer conjuntos carnavalescos. A portaria continua, desta vez com destaque para o artigo III: para a realização de quaisquer bailes carnavalescos ficará subordinado ao prévio licenciamento desta Secretaria mediante o preenchimento das formalidades legais, salvo nas sedes de clubes já licenciados no corrente ano; artigo IV: cumpre às autoridades encarregadas do

policimento de: a) revistar a saída das sedes, e em qualquer ponto do trajeto os componentes dos conjuntos carnavalescos apreendendo as armas que forem encontradas e detendo os seus portadores; b) cassar incontinenti, a licença de qualquer conjunto carnavalesco que tente perturbar a ordem pública, detendo os responsáveis; c) deter e apresentar ao delegado de plantão nesta Secretaria, as pessoas que transgredirem as presentes instruções bem como as que provocarem tumultos desrespeitarem as famílias, estiverem indecentemente vestidas, alcoolizadas ou aspirando éter. (A Bessa. Mar, 1946: 4)

Essa realidade materializa-se numa prática violenta que marca toda uma geração de carnavalescos. Entretanto, essas medidas não impedem que os grupos mantenham suas práticas culturais, pelo contrário, eles criam e recriam mecanismos para burlar a ordem, minar o sistema e implantar uma nova temporalidade. Muitos são os grupos que desfilam sem autorizações ou com o documento de liberação forjado; percorrem outro trajeto, em horário diferente do determinado pela polícia.

Nessa rede transgressora da ordem, novos espaços de circulação são instituídos. As ruas, autorizadas ou não para o circuito da folia, passam a ser o domínio territorial dos caboclinhos, dos maracatus, dos bois, das troças e dos clubes. Elas constituem espaços de circulação, produtores de identidades, territórios onde se entrelaçam o sagrado e o profano, cujos itinerários são fortemente definidos e conquistados.

Referências bibliográficas:

- ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. Recife: Editora Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. **A construção da verdade autoritária**. São Paulo: Humanitas, 2001.
- ARAÚJO, Rita de Cássia. ARAÚJO, Rita de Cássia. **Festas: Máscaras do Tempo – Entrudo, Mascarada e Frevo no Carnaval do Recife**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1996.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano, 2: morar, cozinhar**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DUBY, George. & LARDREAU, G. **Diálogos sobre a Nova História**. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- PANDOLFI, Dulce Chaves. **Pernambuco de Agamenon Magalhães: Consolidação e crise de uma elite política**. Recife: Massangana, 1984.
- SETTE, Mário. **Romances Urbanos. Seu Candinho da Farmácia**. (Coleção Os Velhos Mestres do Romance Pernambucano). Organização: Lucilo Varejão Filho. Recife: Editora do Organizador, 2005.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Documentação:

- A Bessa**. Recife, mar. 1946.
- Anuário do Carnaval Pernambucano**. Recife, 1938.
- A Folia**. Recife, fev. 1933.
- Jornal Pequeno**. Recife, jan. 1920
- O Corta-Jaca**. Recife, 1934.
- O Passo**. Recife, abr. 1933.